

Tochas iluminavam-lhe o caminho pelos estreitos corredores de tecto alto e abobadado, e nas inúmeras e sinuosas escadarias; e as suas luzes cintilantes permitiam que visse, por entre as sombras, as nuvens de vapor formadas pela respiração. *Estava mais frio naquele ano*, percebia enquanto remexia os dedos dos pés quase que congelados dentro das botas de cabedal. Então, o ecoar dos seus passos emudeceu diante de uma escura porta.

Permaneceu ali por instantes. Parado. *Em silêncio*. Com o olhar cor-de-aço fixo no pedaço de madeira maciça. Suspirando profundamente como que tentando ganhar coragem.

Naquele dia, ele teria de ser tão bom farsante como aqueles que o tinham traído.

Com mão firme, empurrando a madeira e fazendo baloiçar a argola de ferro do puxador, abriu a porta e arrepiou-se com o seu sinistro ranger. O ferro das dobradiças era tão velho quanto o próprio palácio e, *em breve*, para que se evitasse a tragédia de alguém ser esmagado, tudo aquilo teria de ser substituído.

Lenta e subtilmente, caminhou para dentro da divisão, deixando que as sombras que nela se encontravam envolvessem o seu corpo. Nesse instante, uns olhos mais negros e profundos que o breu cravaram-se em si tal qual punhais...

Numa cama de dossel de madeira escura, com cortinas de grossa pele avermelhada e inúmeras almofadas de plumas, estava a bela e misteriosa Helena de Bashyrack. A Senhora das Sombras e a herdeira da perpétua juventude da Família Imperial de Karkalis.

Com o rosto levemente inchado pelas lágrimas, Helena Von Rimer observou o marido atentamente, com um profundo e sinistro brilho no olhar negro.

Sentia-se desgostosa e abandonada. Vládímĭr, em vez de ter permanecido ao seu lado naquele dia, resolvera afastar-se. Em vez de a ter ajudado a enfrentar a grande e terrível possibilidade de a profecia se estar a cumprir, resolvera refugiar-se *sabia-se lá onde*.

Viu então, com certo desdém, como ele se aproximava lentamente da cama.

Mais alto que o comum dos homens, um gigante que superava os dois metros de altura; algo que não era de estranhar num Von Rimer. Corpo de guerreiro que já travara incontáveis batalhas e que já se habituara ao peso da espada e da armadura. Cabelos de ouro polido, cujos caracóis tinham sido transformados em ondas volumosas por um pente de madeira e um corte curto. Tez pálida como farinha e bela como

mármore branco. E movimentos que tinham tanto de fortes como de graciosos, dignos de um felino.

O seu marido era um homem viril que mesclava beleza e *frialdade*, percebeu com amargura.

— Como te sentes? — perguntou-lhe ele num tom aveludado, tão profundo quanto o abismo da abandonada fortaleza de Dörv.

— Desolada, como é *óbvio* — replicou ela, deixando a nu os sentimentos que a distância e a indiferença dele lhe haviam causado.

Vládímĭr ignorou aquela resposta fria. Demoradamente, aproximou-se mais da cama coberta com mantos felpudos e sentou-se com delicadeza na beira da mesma, inspirando profundamente. Sentia no ar o pó e o aroma da madeira, e o perfume adocicado de Helena misturado com o cheiro dos recém-nascidos. Noutra altura, aquela atmosfera tê-lo-ia deslumbrado e ter-lhe-ia impregnado o peito com amor. Mas aquela não era outra altura.

Foi tudo uma mentira, pensou, e na palidez do seu rosto apareceram mil vincos que delataram toda a dor que carregava no peito.

Uma mão quente pousou sobre a gélida pele do seu pescoço e um arrepio percorreu violentamente a sua espinha. Aquele toque era o suficiente para fazer o seu mundo desabar.

— Perdoa-me — suplicou Helena num murmúrio, encostando os lábios ao rude tecido do gibão que cobria o ombro forte do marido, depositando ali um beijo demorado. — Não pretendi atacar-te... Mas... Eu preciso de ti, Vládímĭr. *Ao meu lado* — confessou, envolvendo-o nos seus braços longos e esguios. Num abraço apertado.

Os aromas da pele, do mofo das vestes, do fumo das lareiras e do vinho misturavam-se no corpo dele e formavam o mais delicioso dos perfumes; ou, pelo menos, era isso que Helena achava.

Aconchegada contra aquelas costas de rocha, ela sentia-se completa e recordava as inúmeras noites de amor que partilhara com ele e as sinfonias formadas por gemidos de prazer com as quais tinham inundado vezes sem conta o palácio. Sentia-se feliz por tê-lo finalmente ali perto de si, mas não tanto como quando há horas ele pegara na sua mão e lhe dissera que tudo iria ficar bem. Não tanto como quando ele embalara nos braços, pela primeira vez, os gémeos e chorara de emoção.

Ela amava-o... mais do que tudo...

Vládímĭr sentia-se a sufocar naquele abraço. Teve de deslizar várias vezes o olhar pela divisão para conter as lágrimas que tanto o queriam humilhar, mas só conseguira piorar as coisas.

A pedra escura e rugosa daquelas paredes já não lhe parecia acolhedora, mas sim asfixiante. As mil e uma chamas do tocheiro do tecto já não lhe iluminavam o olhar, agora pareciam querer cegá-lo. E o colchão de plumas, ao invés de confortável, fazia-o sentir-se como se estivesse a ser engolido pelas *areias moles* dos pântanos estinianos.

Ele desejava com desespero abandonar aquele lugar que, cruelmente, insistia em recordar-lhe os momentos felizes que vivera.

— Não consegui ficar aqui. Também me custa — respondeu num tom baixo e carregado de dor.

Quando virou o rosto, encontrou o olhar de Helena bem próximo do seu. E a dor que sentia aprofundou-se e apertou-lhe dolorosamente as entranhas: aquele era... *fora*... o seu amor.

— Não te preocupes, meu querido — murmurou ela, enquanto finas lágrimas lhe pintavam estreitos caminhos escuros pelo semblante de tez morena. — Tudo irá ficar bem... — E dito aquilo, depositou-lhe um beijo quente e ternurento sobre os lábios frios.

Um beijo que ele correspondeu com avidez.

Quando Vládímĭr e Helena se beijavam, era como se o Norte e o Sul se voltassem a juntar, como se o tempo voltasse atrás e Rāyn e Bash voltassem a existir. O contraste daquela pele em tons de cobre, ouro-velho e terra, contra a tez cor-de-neve, formava uma aura mágica que envolvia ambos.

Mas Vládímĭr já não sentia a magia de outrora.

O roçar de lábios, as línguas mornas e húmidas que se encontravam mais uma vez e se abraçavam com lentidão, os sabores que se iam trocando e os aromas que se iam inalando... Aquilo provocava-lhe apenas dor.

Lágrimas brotaram-lhe dos olhos de aço; eram de remorsos, de ira e, acima de tudo, de tristeza e saudade. Uma imensa saudade que lhe esmagava o peito.

Ingenuamente, crédula de que as lágrimas do marido eram de aflição, Helena afastou-se e secou-lhas delicadamente com os dedos longos. Acariciou-lhe com o maior dos amores as faces pálidas e, ao vê-lo soltar soluços sentidos e baixar o rosto tomado pela vergonha, sentiu a alma ser avassalada por um forte sentimento de ternura. Beijou-o novamente. Desta vez, um toque suave e rápido; um simples roçar de lábios repleto de intensidade e carinho.

Ela amava-o tanto...

Vládímĭr sentiu aquele toque aveludado e quente, e desejou a morte. Suplicou aos Deuses, no silêncio da sua mente, que o levassem e que acabassem com todo aquele seu sofrimento.

Que o fizessem esquecer tudo, implorou.

Com uma última carícia, Helena desviou as atenções do marido e dirigiu-as às duas criaturas que tinha ao seu lado, enoveladas em mantos de pêlo.

Pegou primeiramente em Yágoh com movimentos de mãe extremosa. Desde que os seus olhos tinham pousado pela primeira vez nos daquele seu filho, tão negros quanto os seus, que se sentira perdida. Um elo entre ela e aquele delicado bebé formara-se no exacto instante em que o amparara nos braços pela primeira vez, ainda coberto de líquido viscoso e sangue.

Entregou-o com a maior das delicadezas a Vládímĭr, como se lhe trespassasse a mais preciosa de todas as jóias.

Ao pegar no último dos gémeos a nascer, Vládímĭr viu como os lisos e negros cabelos de Helena acariciavam com suavidade o rude tecido das mangas do seu gibão. Outrora, para o seu coração, não existira criatura mais perfeita do que ela.

O negrume dos cabelos... O breu do olhar... O aveludado castanho-acobreado da pele... Os delicados e repuxados traços de Karkalis... E o charme de Bashyrack... Todos aqueles atributos transformavam-na numa das mulheres mais desejáveis e perfeitas daquelas terras. E ele ainda a desejava — *e de que maneira* — mas já não a via como o ser perfeito que um dia conhecera.

Não mais. Nunca mais.

Um ténue palrar arrancou-o daqueles pensamentos melancólicos. Ao baixar o olhar, viu como dois pequenos olhos de corvo contemplavam o mundo com uma tranquila curiosidade.

— Mal tem cabelo... — murmurou, esboçando um sorriso ao acariciar a delicada cabecinha coberta por penugem escura. — O teu pai ficará feliz. São sem dúvida herdeiros das terras do Sul... — acrescentou calmamente, esquecendo por instantes todos os males que o atormentavam.

Helena roçou com ternura a ponta do nariz na pele descoberta do pescoço do marido e esticou um braço para acariciar a bochecha do pequeno menino. Aquele seu filho era a viva imagem da perfeição. Não existia no mundo criança tão bela quanto ele. Era rechonchudo, possuía um olhar doce e traços delicados, tudo o que ela sempre idealizara.

Ficou parada por momentos, em profundo silêncio, embevecida com aquela imagem ternurenta. Ele, pequeno e frágil, no meio dos braços fortes e robustos do pai. Ela sentia-se como que a delirar. O sonho de ver Vládímĭr a sustar carinhosamente o filho de ambos nos braços concretizara-se.

— *O Dragão e a sua cria* — sibilou.

Cortando de súbito o momento ternurento, o pequeno Maximiliano iniciou um choro estridente e, de certa forma, *desesperado*.

Ao ouvir aquela súplica inocente, Vládímĭr entregou de imediato Yágoh a Helena e levantou-se de um salto. Rodeando a cama com a agilidade de um lince, susteve o pequeno bebê. E viu-o parar de chorar mal os seus braços o envolveram.

O pequeno contemplou-o com dois enormes olhos mais brancos do que a própria neve. *E ele sentiu o coração parar de bater*. Tal como quando o vira pela primeira vez há algumas horas, sentia-se assustado. Era como se alguma coisa naquele lindo, e único, olhar lhe dissesse que aquele seu filho era o demônio da profecia. Ainda assim, sentia a alma a derreter-se como gelo ao sol durante a Estação Quente.

O seu pequeno *Iano* era tão frágil. Muito pequeno, com apenas metade do tamanho do irmão, e extremamente delicado, tendo como única abundância uma farta cabeleira negra e sobrancelhas vincadas. Sem dúvida era uma criaturinha mágica, deslumbrante. Um ser que ele amava com uma intensidade invulgar, apesar de saber que não devia.

Ele não se podia afeiçoar a *Iano*, muito menos a Yágoh. Não pela profecia, mas sim por razões muito mais profundas e dolorosas.

Subitamente, Maximiliano ergueu uma das mãozitas e agitou-a de forma desajeitada, roubando do seu coração fortes batimentos que continham notas de profunda amargura que o obrigavam a engolir em seco. O bebê remexia-se com as duas enormes esferas de um branco que roubava a pureza à luz da manhã esbugalhadas e observava tudo em seu redor com a inocência e movimentos desastrados próprios de um recém-nascido. Era como se estivesse à procura de algo ou de alguém, observava o mundo encantado, e só parou quando os próprios deditos lhe pareceram bem mais interessantes.

Vládímĭr sorriu com ternura, compreendendo que aquele olhar único do filho possuía tanta inteligência quanto beldade.

Em redor das iris dos olhos de Maximiliano, uma linha negra ardia e sangrava para dentro da cor, maculando o branco com diminutos desenhos que pareciam escrever promessas sem início ou fim, enquanto duas imensas pupilas escondiam nas suas profundezas toda a escuridão do universo. Assim eram os olhos do primeiro dos gémeos Von Rimer a nascer. Fora do vulgar, tão mágicos e, ao mesmo tempo, tão assustadores.

Maximiliano era uma criatura que, aos olhos de Vládímĭr, era extremamente fácil de se amar, mas que o mundo não aceitaria com facilidade.

— *Esse* nosso filho... — murmurou Helena com desgosto a estremecer-lhe a voz.

Ao ouvir aquelas palavras, ele sentiu o coração apertar-se. Seria o seu *Iano* o demónio da profecia? Ele não queria acreditar.

— É nosso — sussurrou. — *É meu... não importa quem lhe fez o espírito...* — concluiu num suspiro que Helena não chegou a ouvir.

Nesse exacto instante, a porta abriu-se num estrondo quase que ensurdecedor.

— Helena! — exclamou uma voz idosa.

Perante aquela intrusão, ele pousou de imediato Maximiliano na cama. A aia da sua esposa entrava, *como de costume*, sem avisar.

Helena susteve a respiração por momentos. Como sempre, a sua velha aia interrompia-os da forma mais insolente possível. Mas tinha de se conformar. Precisava dos conselhos maternos dela mais do que nunca.

— Entrai, Mamphastas¹³... O lorde Vládímĭr já estava de saída. Não é assim, *esposo*? — disse, a voz trémula.

Sem qualquer reclamação, Vládímĭr levantou-se e saiu dos aposentos batendo bruscamente com a porta, deixando a velha sudenha a sós com Helena e as crianças. Às vezes, era como se a sua mulher não passasse de uma reles marioneta nas mãos da maldita aia.

Suspirou. Aquelas coisas já não importavam. *Não mais.*

Cansado dos assuntos que lhe atormentavam mente e alma, cansado até da própria vida, atravessou corredores e desceu várias escadarias. Quando chegou às que davam acesso ao andar no qual se encontrava a sua acolhedora salinha privada, curvou as costas e suspirou mais uma vez. Tinha consciência de que aquela posição era lamentável, principalmente para um homem do seu estatuto, mas a realidade pesava-lhe sobre os ombros.

Ao descer o último degrau, soltou um pequeno grunhido rouco e endireitou-se. Por fim, já com digna pose e costumeira altivez, virou-se. E ficou chocado ao encontrar um rosto *demasiado* familiar.

— Felicidade, *meu filho*. — As palavras venenosas dilaceraram-lhe as entranhas.

¹³ *Pronuncia-se: «Mã-fãs-tas»*

Bóris Von Rimer, parado no meio do corredor, com os braços cruzados sobre o peito, observava-o com um sorriso trocista e uma expressão vitoriosa na face. Como podia ele chamar aquele monstro de pai?

— Como é que te atreves a pisar este palácio...? — inquiriu, rangendo discretamente os dentes. Avançando para ele, o olhar de aço atravessado e a expressão completamente deformada pelo ódio. — Eu devia de te matar...

Bóris permitiu-se uma ruidosa gargalhada carregada de veneno.

— Se algo me acontecer, a tua querida Helena vai receber uma pequena carta de despedida onde lhe irei contar todos os detalhes sobre uma certa rainha sálvia... E ambos sabemos que não queres isso.

O coração de Vládímĭr apertou-se e obrigou-o a engolir o nó que se formara na garganta. A imagem de uma linda mulher de cabelos loiros surgiu na sua memória. Gentil, de alma pura e sorriso abrasador. A mulher com quem ele traía Helena e que, no final, também acabara por trair.

Com uma brusquidão imprevisível, enredou os dedos fortes na gola do gibão de Bóris e puxou-o para junto do seu rosto.

— Não voltes a falar dela. Nunca mais — ameaçou-o num ronronar, lágrimas a banharem-lhe o aço do olhar enquanto Bóris troçava de si com um sorriso maldoso. Sacudiu-o com violência. — Se ousares pronunciar o nome de Agániah para o que quer que seja, por qualquer motivo, nem a alma se te aproveitará.

Bóris afastou-se com um empurrão, fúria a cobrir-lhe o olhar verde-jade enquanto percebia que o filho se transformara num homem que ele desconhecia. Um homem demasiado parecido com Ezärgmenrille e forte o suficiente para o desafiar.

— Mesmo depois de tudo, continuas a trair Helena no teu pensamento.

Vládímĭr inflou o peito de ar. Como ousava ele falar-lhe em traição?

— Esses assuntos não são da tua incumbência — rosnou.

Não, ele não continuara a trair Helena. Nem em pensamento nem em alma. Arrependera-se do que fizera e compreendera que não havia ninguém no mundo que amasse tanto como aquela sua linda e cruel mulher. Mas agora que sabia toda a verdade, não podia evitar que o rosto de Agániah Lad Rūche lhe aparecesse em lembranças, a implorar que a levasse para longe das ilhas, a suplicar-lhe por um amor que ele fora incapaz de retribuir.

Quando lutara na Guerra da Independência Sálvia, ele fora gravemente ferido e atirado ao mar. A correnteza arrastara-o até a uma praia de Sanzia, onde o deixara à espera da morte. E ela surgira, na sua majestosa túnica branca, uma das mulheres mais belas que ele alguma vez vira, e levava-o para o esconderijo palaciano. Agániah Lad Rüche cuidara das suas feridas. E apaixonara-se por si. Entregara-se de corpo e alma. Mas, no final, as suas vidas não estavam destinadas.

Ele pertenceria sempre a Helena. E Agániah seria para sempre de Clauryus Mönttbránc, mesmo que o maldito não a merecesse.

A sua vida teria sido tão diferente se tivesse cometido a derradeira traição e trocado Helena por Agániah. *Tão diferente...* Mais feliz era uma certeza.

— A Maria Caláthia Rolsi é uma heroína para o povo sálvia. Apenas ela tem acompanhado o rei Clauryus em todos os assuntos oficiais. O povo mal se lembra da doce Agániah, sabias?

Vládímġr deixou os ombros descaírem. Permitiu-se aquela derrota.

— Porquê? — perguntou, a voz embargada. — O que é que ganhas com esta tortura?

Bóris deixou escapar um suspiro teatral.

— Eu? Absolutamente nada, meu filho. Já tu ficas com a lição de que nunca, em momento algum, me deverias de ter enfrentado. E que não te convém enfrentares-me.

Vládímġr desviou o olhar marejado, obrigando-se a engolir até a última das lágrimas.

— Tudo pela maldita liderança do império...

— Dovrökk era meu e tu sabias disso melhor do que ninguém — rosou o seu velho e monstruoso pai, passando por si.

— Como é que me pudeste fazer aquilo? — Vládímġr jamais desejara colocar aquela questão, mas era necessário. Ele ansiava por respostas, algumas delas até há demasiado tempo. — Alguma vez me amaste? Uma só que fosse?

O velho Von Rimer não lhe concedeu sequer a honra de se virar. De costas para si, continuou o caminho, rindo-se. Então, Vládímġr obteve o ecoar da resposta a todas as suas questões.

— *Jamais amaria qualquer coisa que tivesse saído daquele ventre maldito.*

Num movimento repentino, Vládímġr correu de regresso à escadaria e seguiu as pegadas daquele maldito ao qual chamava de pai. Quando Bóris se virou ao som dos seus passos e o fitou com intriga, permitiu que o ódio fosse reflectido no seu rosto.

— Podes ter-me traído. Podes odiar-me e desprezar. Podes até tentar tirar-me do caminho. Ainda assim, até ao dia da tua morte, Rokkya e a liderança do Império de Dovrökk serão sempre *minhas*. E se não forem minhas, serão do *meu* filho. O teu tempo chegou ao fim, lorde Bóris.

Bóris nada respondeu. Engoliu a ira e passeou o olhar pela imensidão cinzenta daquele lugar, evitando a imagem do filho a afastar-se de si, triunfante.

Perdera aquela batalha, mas a guerra entre eles estava muito longe de terminar.

Vládímġr esboçou um sorriso de vitória, deixando o pai parado no meio da escadaria. No entanto, mal se encontrou de novo a sós com a própria solidão, o trejeito de alegria deu rapidamente lugar às lágrimas, que rolaram sem pudores e o obrigaram a procurar com rapidez o conforto da sua salinha privada.

Ao entrar na diminuta divisão, trancou a porta e cambaleou até a um cadeirão de pele que repousava diante de uma lareira acesa. Deixou-se ali tombar, como um pedaço de tecido velho e roto, esfregando uma e outra vez as mãos naquele rosto cuja branquidão fora substituída pela rubidez do choro. Durante longos momentos, ele foi consumido pela dor, entregue a um desespero que parecia não ter fim, mas como todos os Homens, fossem eles eternos ou mortais, as escassas forças que lhe restavam começaram a transformar o gelo que devorava as suas entranhas na substância mais perigosa do universo: o ódio. Um ódio tão grande que nem o tempo apagaria.

Com o olhar já livre de lágrimas, fixo nas chamas que consumiam um singelo tronco com extrema lentidão, Vládímġr Von Rimer jurou ao silêncio que, a seu tempo, todos iriam pagar pelo mal que lhe tinham feito.



Bóris sentia-se furioso, mas não se deixaria abalar por coisas tão insignificantes como aquelas. Quando chegasse o momento, lidaria com Vládímġr, mas, agora, retomaria o seu caminho e conheceria os seus netos que, de momento, eram o único que lhe interessava.

Subiu várias escadarias, percorreu inúmeros corredores que conhecia tão bem quanto a palma da sua mão, e rumou até aos aposentos de Helena. Quando, por fim, se deteve diante da porta do dito cómodo, ao invés de bater na velha madeira e entrar, foi obrigado a parar e a

manter-se em silêncio. Um estranho murmúrio emergia do interior, como sibilos de vento num abismo.

Com subtileza, o mais silenciosamente que conseguiu, aproximou-se. A pouco mais de um palmo de distância da porta, reclinou a cabeça e tentou perceber o que ali se dizia.

— *Não aguento mais* — escutou a doce e aveludada voz de Helena dizer num tom choroso. —, *quero recuperar a minha vida*.

Como se fosse abraçado por uma brisa gélida, Bóris estremeceu por completo. Nesse instante, a porta abriu-se.

— *Oh! Lorde Bóris...* — Cumprimentou-o com certo espanto Mamphastas, a velha aia de Helena, inclinando subtilmente a cabeça para um lado numa saudação respeitosa.

Ao ver a velha mulher, todas as desconfianças e maus pressentimentos abandonaram Bóris, sendo substituídos por uma sensação de paz e calma. A velha e boa Mamphastas tinha trabalhado durante muitos anos para Theos Al-Ashrivass e ajudara a criar Helena, e ele conhecia-a tão bem como se ela fosse parte da família Von Rimer. Não existia mulher mais doce naquele mundo.

— Como estais, Mamphastas? — Retribuiu o cumprimento, curvando também levemente a cabeça em sinal de gentileza.

O rosto redondo da velha aia, emoldurado por um lenço de tule negro típico de Bashyrack, franziu-se e luziu um alegre e meigo sorriso.

Bóris reconheceu com carinho aquela expressão simpática.

— Muito bem, milorde, muito bem! — respondeu a anciã alegremente. — Mas o mesmo não se pode dizer da minha menina... *Está desolada!* — acrescentou com amargura, fungando algumas vezes para tentar conter as lágrimas.

— E não é para menos, não achais? — retorquiu, compreendendo a amargura da velha senhora e compadecendo-se da dor de Helena.

— É claro! Só os Deuses sabem a dor que é ter um filhinho condenado — concordou Mamphastas, a voz entrecortada pelas lágrimas. — Ides conhecer os vossos netos, não é? — perguntou então, afastando as mágoas do momento.

A Bóris restou-lhe apenas acenar com a cabeça e esboçar um pequeno sorriso. Duas palavras de Mamphastas eram o suficiente para o acalmar. Ele adorava aquela velhinha.

A aia despediu-se com uma vénia e retirou-se, e ele viu como ela se perdia por entre as sombras daqueles corredores que pareciam não ter fim.

Novamente só, adentrou-se na divisão e arrepiou-se ao ser recebido por uma mulher cujo rosto não era mais que uma sombra. *Parecia perdida, distante.*

— Helena...? — chamou-a com certo receio, consciente da dimensão da dor que ela poderia estar a sentir.

Helena virou de imediato o rosto para Bóris e fitou-o intrigada. Após uns momentos de profundo silêncio, sorriu tristemente para aquele que era o seu sogro e convidou-o a sentar-se na beira da cama.

— Vem Bóris, vem conhecer os teus netos — pediu.

Bóris aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Sentou-se no mesmo lugar no qual o filho se sentara há momentos. E olhou aquela que era a sua nora talvez com mais deslumbre que o próprio Vládímĭr.

Helena dedicou-lhe um novo sorriso. E com movimentos rápidos, e muito longe de serem cuidadosos, entregou-lhe um dos pequenos meninos.

— Este é Maximiliano... O primeiro dos meus filhos a vir ao mundo — apresentou-o. — O Vládímĭr chama-lhe *pequeno Iano*.

— *Iano*? Esse imbecil nem sabe chamar o filho como deve de ser! — criticou Bóris venenosamente. — É um nome de Cálármand, não de Dovrökk! *Max* é o correcto. Agora *Iano*... Ridículo...

Helena nada respondeu.

Depois de mais umas quantas críticas e ofensas feitas ao filho, Bóris baixou, por fim, o olhar para contemplar o neto. E o seu rosto empalideceu ao encontrar duas enormes esferas brancas.

Aqueles olhos que o fitavam com intriga eram tão claros quanto a palidez que assolara a Lua Mãe durante a madrugada.

— Estes olhos — murmurou, fascinado e, de certa forma, emocionado. —, são... *mágicos*.

Helena sorriu com certa timidez. No entanto, apesar de o sorriso dela parecer sincero, ele encarou-o com desconfiança. A Irja-Arhã estava estranha, mais do que era habitual.

Ele já se tinha, de certa forma, habituado às particularidades da mulher do seu filho. Em jovem, Helena fora uma rapariguinha arisca que ambicionara tornar-se numa guerreira, mas, certo dia, de súbito e sem qualquer explicação, aquele desejo desaparecera e, com ele, a personalidade alegre e determinada que ela possuía em tempos. Ele ainda vira algumas vezes a *velha* Helena depois disso, mas essas podiam-se contar com os dedos de uma mão. Até àqueles dias o mistério da transformação de Helena se mantinha.

— Pega também neste meu belo filho — pediu-lhe então ela, entregando-lhe a outra pequena e delicada criatura.

Cuidadosamente, ele pousou o franzino Maximiliano sobre a cama e susteve nos braços o outro dos seus netos. Este tinha uns olhos mais negros que o breu, inclusivamente mais escuros que os da própria Helena, e era claramente mais pesado que o irmão. Um verdadeiro herdeiro das terras desérticas.

— Tiveste duas jóias que não negam pertencer aos Al-Ashrivas, em especial este pequeno. Não lhe vejo nada de Von Rimer. São mesmo dois tesouros bashyles, Helena... — elogiou, sendo talvez mais sincero naquele instante do que em toda a sua vida. — Peles de caramelo que um dia o frio deste império queimará e tornará quase tão escuras como a tua, e cabelos de azeviche... Yágoh com os seus olhitos negros, Maximiliano com as suas sobranceiras que conseguem ter mais pêlo do que a sua cabecita! São amorosos.

Helena gemeu de dor.

— São dois tesouros amaldiçoados pelo fado da minha família e pela profecia dos Von Rimer! Que vida terão os meus filhos, Bóris?

Ele deu de ombros.

— A profecia é um mistério, Helena. Não sabemos se vai acontecer!

Helena riu-se amargamente.

— Pelos Deuses, olha bem para os olhos daquela criatura e diz-me se são olhos de gente... Diz-me se já viste algum homem com olhos como os dele!

O velho Von Rimer sacudiu a cabeça, franzindo o semblante ante aquele comentário.

— Deixa-te de idiotices. Existem muitas cores de olhos, especialmente entre gente da nossa estirpe. Os olhos dele não significam nada! — disse com rispidez. — E a maldição da tua família pode sempre ser quebrada! Basta casares os teus rapazes com mulheres com sangue dos Mönttbránc!

O olhar da Irja-Arhã aprofundou-se, ganhando notas de escuridão que Bóris nunca julgou possíveis.

— O meu avô deitou-se com uma Mönttbránc e vê o que custou à sua descendência... — silvou a Irja-Arhã, o rancor palpável na sua voz de veludo.

Bóris entregou a criança à esbelta mulher e passou uma mão trémula sobre o rosto, recordando tudo. Desde o romance secreto de Vládímĭr com Agániah até ao grande amor do lendário avô de Helena.

Após o poderoso Raejeddy¹⁴ Al-Ashrivas ter desprezado o amor incondicional da princesa Silicya¹⁵ Mönttbráncce, uma feiticeira que lutara ao lado de ambos durante as Rebeliões do Sul — Dulsháphasd¹⁶ — amaldiçoara-o. Dizia-se que a mulher, instantes antes de ser sangrada em praça pública, após uma falsa acusação de bruxaria, gritara diante de todos que Raejeddy Al-Ashrivas pagaria apenas pelo mal que tinha feito a Silicya. Que ele e os seus descendentes teriam de sofrer o que a princesa das Ilhas Sálvicias sofrera ao ser desprezada depois de ter lutado de forma incansável ao seu lado e de lhe ter entregue um amor incondicional e uma lealdade incomparável.

Theos Al-Ashrivas costumava contar que Raejeddy vivera demasiados anos e que quando ele nasceria, já era velho e enrugado. Morreria demasiado tarde, com quase duzentos anos, e com a dor do arrependimento por ter trocado a mulher amada pelo dever.

Mas, segundo os antigos líderes que se resguardam nas profundezas do Império Subterrâneo à espera da morte, Raejeddy já tinha morrido muito antes de o próprio Theos nascer. Diziam que o grande guerreiro que fora o avô de Helena falecera em vida quando uma Silicya Mönttbráncce de setenta anos fora morta em batalha por uma jovem Theodósia Stelisbuz¹⁷.

— Isso não importa, Helena... — murmurou, tentando convencê-la, embora não tivesse também grandes esperanças.

Os homens que de Raejeddy Al-Ashrivas descendiam tinham as suas sementes amaldiçoadas. O próprio Theos gerara Helena porque a princesa, e Arhã, Yarya era uma Surann, e aos Surann nenhuma maldição afectava. Mesmo assim, só tiveram Helena. As restantes crianças nasciam mortas, outras, após uma semana no ventre da princesa karkaline, feneciam.

Aqueles gémeos, percebeu, eram senhores de uma maldição e uma profecia. *Que os Deuses os protegessem se ambas se concretizassem.*

— Veremos. — A voz de Helena estremeceu pelo ar. — Só o tempo nos dirá se o *pequeno demónio de olhos brancos* irá, ou não, lançar as suas garras sobre o meu meigo Yágoh.

¹⁴ Pronuncia-se: «Rá-é-jjé-di»

¹⁵ Pronuncia-se: «Si-li-cia»

¹⁶ Pronuncia-se: «Dúl-xá-fásd»

¹⁷ Pronuncia-se: «Tiudó-ssia»

— São *dois* tesouros, Helena! *Dois!* Ouviste? E não ouse contrariar-me nisto — ameaçou imediatamente, indignado por ouvi-la chamar *demónio* ao pobre menino.

Não importava se Maximiliano era filho de Vládímĭr. Era um inocente. Uma criança com poucas horas de vida que nada de mal fizera ao mundo.

— Alguma vez te contrariei em alguma coisa, meu sogro...?

Aquela pergunta de Helena foi seguida de um silêncio ensurdecedor. Um silêncio que subjuguou ambos.

Só Bóris entendia aquelas palavras. Eram segredos que se escondiam debaixo de ténues sombras que, a cada dia que passava, ficavam cada vez mais sob a ameaça dos mantos de luz da verdade...



Semanas após o nascimento dos gémeos, Vicky e Uraleynny¹⁸ Von Rimer, irmãs de Bóris e tias de Vládímĭr, chegaram ao palácio de Rokkya.

Vicky Allëlvrya Fergaynys ūr Von Rimer aparecera e intimidara todos com a sua aparência austera, a sua imponência e a sua riqueza. Para além de ter luzido jóias valiosíssimas e vestes sumptuosas, usara o famoso penteado que lhe atribuíra o título de *Velha Chifruda*: dois enormes coques no formato de cones que se erguiam no alto da cabeça tal qual os chifres de um touro. E fizera-se ainda acompanhar por uma comitiva capaz de fazer sombra à do próprio sumo-imperador.

Mas o povo não se importara com as roupas, nem com as jóias ou os cabelos... O povo reparara apenas no rosto da irmã de lorde Bóris Von Rimer que, tal como o dele, continuava *demasiado* jovem.

Os rokkos não se esqueceriam durante muitos anos do reaparecimento da senhora Vicky, nem do seu rosto ossudo de expressão inflexível. Muito menos dos seus olhos cinzentos e frios como aço.

Desde jovem que a filha mais velha de Dimitrian Von Rimer chocara o povo e deixara a sua marca na História de Rokkya. Fora uma mulher que nunca se casara... Uma mulher cujo coração, para desgosto do seu pai, pertencera a outra mulher, uma enigmática guerreira das Ilhas Kórzinas que morrera numa misteriosa batalha. Mas tal romance

¹⁸ *Pronuncia-se: «U-ra-lei-ni»*

poderia ter passado despercebido se ela, a filha problemática do — já falecido — rei Dimitrian, tivesse permanecido em silêncio.

Vicky Von Rimer ignorara opiniões alheias e, um dia antes de abandonar a cidade de Brökka, actual Rokkya, fizera um discurso que jamais seria esquecido.

Povo de Rokkya, começara, com o falecido rei Dimitrian ao seu lado, de expressão mortificada. Este não é o meu regresso, mas sim a minha despedida. O meu ventre jamais irá gerar um filho e a minha mão jamais carregará o peso de uma aliança, para desgosto e desonra da minha família. Por mais que isto possa ofender o meu pai, o vosso rei, di-lo-ei sem medo ou vergonha: a mulher que eu amei descansa agora nos Jardins dos Deuses. A minha querida Fayah¹⁹, o meu único e eterno amor, morreu... e eu com ela. É por isso que me despeço... sem culpa ou arrependimento. Sem vergonha.

E assim o fizera.

Vicky partira e, muitos anos mais tarde, tornara-se numa rica e influente nobre dos Cinco Impérios. Fora uma mulher que virara as costas à família e à vida ostentosa num palácio pelas suas convicções e por amor.

Depois de se ter tornado tão poderosa, o povo rokko não voltara a vê-la... até àquele dia. Ao dia no qual ela regressara a casa para conhecer os filhos do seu tão amado sobrinho Vládímír.

Ao mesmo tempo que a irmã, chegara a anafada Uraleynny com o marido Daelvânny²⁰ Salamandra e uma enorme comitiva de empregados, soldados, jograis e uma família numerosa de pequenos cães.

No passado, Uraleynny Von Rimer fora venerada e respeitada pelo povo rokko; talvez até mais do que o próprio pai, que era o rei de Rokkya e Líder Imperial de Dovrökk de então. Fora sempre uma jovem rechonchuda e de grande beleza, uma criatura fácil de se amar. Nas Estações Fria, Verdejante e da Colheita, costumava cuidar dos pobres e, na Estação Quente, bebia e celebrava com eles; nos meses de Tady e Sularmnis.

Mas tudo isso mudara quando, durante uma visita do, então, Rei de Centris e Líder Imperial de Cálármmand — Daelvânny Salamandra — a Rokkya, o seu pai tomara uma decisão que fora chocante ao parecer de muitos.

¹⁹ Pronuncia-se: «Fá-yá»

²⁰ Pronuncia-se: «Dá-él-vâ-ni»

Dimitrian Von Rimer, para forjar uma aliança com o então rei centrino, decidira casar a mais nova das suas filhas com o dito soberano. Decidira entregar Uraleynny, de apenas treze anos, a Daelvânny Salamandra que lhe dobrava a idade. E não só a entregara, como ainda enviara com ela um dote exorbitante em ouro e prata.

Depois do anúncio inesperado, Uraleynny fora enviada para Centris com o seu prometido e fora desposada numa cerimónia na qual não comparecera um único membro da sua família. Dias após a união ter sido oficializada, rumores percorreram as terras dos Gémeos Indomáveis levando a notícia a todos os cantos de que, na noite do matrimónio, a princesa Von Rimer fora violada e espancada pelo marido.

Mas os ditos rumores não se ficaram por ali...

Durante vários anos, houve quem comentasse que o rei centrino humilhava e maltratava a princesa rokka constantemente. Sem misericórdia.

Tudo aquilo escurecera a imagem de Dimitrian Von Rimer que, segundo se contara na época, chorara inúmeras vezes pelos cantos ao saber do mal que causara à filha.

Mas, já muito tempo se havia passado. O rei Dimitrian estava morto e a sua filha Uraleynny já não era a doce e frágil princesa que os rokkos recordavam.

A outrora princesa apresentara-se na cidade capital, que agora usava o nome do seu amado — e já desfeito — reino de Rokkya, como uma mulher poderosa e dominante. Jamais se saberia ao certo o que teria acontecido entre ela e o marido, a única coisa evidente era que, agora, quem segurava as rédeas daquele casamento era *ela*.

No preciso instante em que os seus pés tocaram a neve rokka, o povo ficou estarecido.

Estava mais alta e anafada, e *estranhamente* jovem para a idade que possuía, tal como os irmãos. Uma imagem que tinha tanto de amada como de imponente, algo que era estranho aos rokkos mais antigos que ainda a recordavam como a doce e jovem *Leynny*.

Rokkya amava a recordação da sua princesa. Centris amava a sua emérita rainha.

Os jubilados monarcas desfilaram pelas ruas da antiquíssima cidade e saudaram todos com um sorriso nos lábios. E não foi segredo para ninguém que aquela alegria se devera apenas ao facto de que ambos, em breve, tal como Bóris Von Rimer, também seriam avós.

O sumo-imperador Dinnu Aelxânno vett Von Rimer e Salamandra e a sua esposa, e máxima-imperatriz, Jadyh Marddáh

Komodo vett Brathrah e Salamandra, teriam dentro de meses um herdeiro ou herdeira que seria o futuro soberano da União Imperial...



Seguindo-se à família Salamandra, o misterioso Ashal do Sul e a sua querida Arhã chegaram ao Norte para conhecerem os netos.

Ninguém esperara que Theos Raejjesh Zamid ilsh Al-Ashrivas, o filho do grande e emblemático Ashal Raejjeddy Al-Ashrivas, e Yarya Maellksùll Surann, irmã do poderoso imperador do Continente Folha, abandonassem o Império Subterrâneo de Bashyrack para conhecerem as crianças.

Mas fizeram-no. E muitas coisas não voltariam a ser iguais.

Duas semanas após a chegada das famílias a Rokkya, durante uma tarde gelada, o Ashal procurara por Bóris Von Rimer para lhe falar em privado.

— Precisamos de ter uma conversa, lorde Von Rimer — rosnara com a sua voz profunda e tão feroz quanto um trovão, surpreendendo Bóris, que, então, contemplava o horizonte de Rokkya desde a açoteia do palácio.

— Claro que sim — respondera, intrigado com a excessiva formalidade nas palavras do velho amigo. — Importais-vos que seja aqui? Este é um lugar calmo e silencioso... — sugerira usando o mesmo tom, sendo incapaz de provocar ou desrespeitar aquela tão imponente figura.

Theos Al-Ashrivas concordara. O Ashal desejara ter aquela conversa com Bóris Von Rimer há muito tempo; *e, por fim, iria fazê-lo.*

Foram longos momentos, mas apenas se erguera ao vento a voz do Ashal. Bóris nada dissera, permanecera no mais profundo dos silêncios, com o seu olhar verde-jade esgazeado e encarniçado. A fisionomia mirrada perante o imenso Senhor do Sul.

— Não me olheis. Não pronuncieis o meu nome. E dai graças àquelas crianças: *são a única coisa que vos mantém vivo.*

Theos Al-Ashrivas abandonou o local da mesma forma que ali chegara. Fumo negro emergiu de cada milímetro da sua carne e, em meros instantes, era apenas uma nuvem tenebrosa a ondular pelo vazio. Tal como a sua esposa Yarya e a sua filha Helena, ele era um Senhor das Sombras. E foi pelas Sombras que se foi embora e deixou Bóris Von Rimer a sós na açoteia, de joelhos, a vomitar o medo.



CAPÍTULO I

OS GÊMEOS

Dia vinte do mês de Lrimplys do ano de mil cento e quarenta e quatro do IV Nascimento da Lua de Jade.

O destemido vento do norte, cúmplice de incontáveis crimes, senhor de látegos cortantes, rugia com ferocidade naquele dia, enquanto a neve, auxiliada pelo seu poderoso sopro, violava impiedosamente as rudes e milenares infra-estruturas do palácio de Rokkya, que haviam sido erguidas em granito tão ou mais cinzento que os olhos do seu actual senhor...

Com evidente tensão a marcar-lhe o semblante, Vládímĭr Vägğörmarg Domus ūr⁸ Von Rimer contemplava a tempestade através

⁸ Quando um casal se unia, a mulher adquiria o nome da família do seu marido e os filhos que tivessem levariam os nomes de ambas as Casas. Para tal união, vários reinos e impérios (com excepção de Órdepŭr) usavam palavras específicas provenientes das Línguas Antigas, para as quais não existia tradução, e aplicavam-nas segundo o nascimento de cada indivíduo. Para os bashyles «**ilsh**», para os dövreñnos «**ūr**», para os centrinos e sálvicios «**vett**», para os kórzinos «**ka**» e para os estinianos «**Et**». Estas palavras mudavam de posição nas mulheres quando estas contraíam matrimónio e, às vezes, eram eliminadas dos nomes e modificadas por escolhas pessoais (*exemplo de modificação por escolha de nome masculino*: Dinnu **vett** Von Rimer e Salamandra em vez de Dinnu Von Rimer **vett** Salamandra).

do cristal azulado da janela da Velha Biblioteca e tentava apreciar o horizonte. No entanto, por mais que se esforçasse, era incapaz de vislumbrar o que quer que fosse para lá daquela espessa e impenetrável cortina branca.

Desiludido por não poder admirar os toscos edifícios de pedra e madeira, esboçou um sorriso de escárnio e, resignado, afastou-se. Com passos pesados e ruidosos, de costas voltadas para a pálida luz que trespassava o cristal da janela, rodeou uma mesa ovalada que se encontrava no centro da divisão, entre estantes repletas de livros antigos e paredes de granito. Deslizou os seus dedos longos e pálidos sobre o tampo, apreciando, como que pela primeira vez, a aspereza da velha e escura madeira. Então, com um suspiro desalentado, deixou-se cair bruscamente sobre uma das cadeiras ali perto e perdeu o olhar no vazio, na imensidão da mente, afastando-se por instantes do mundo que tanto o insistia em torturar. Quando voltou à realidade, os seus olhos já se encontravam baços e o seu semblante, de traços másculos e angulosos, já não passava de uma rígida máscara de mágoa e rancor.

Uma exorbitância de obras para enaltecer de forma absurda o nome Von Rimer... e, no entanto, nenhuma para descrever a nossa maldade e deslealdade... nenhuma para contar os nossos defeitos. Cambada de hipócritas..., percebia, enquanto observava com profundo desprezo as velhas estantes poeirentas e os livros antigos que as recheavam.

Aquele dia deveria de ser o mais feliz da sua vida e da de Helena, mas não o era — *não para si*.

Sombras do passado e segredos agora descobertos tinham-lhe arrebatado toda a felicidade. Tinham-no destruído por dentro e nada o poderia consertar...



Naquela madrugada tinham nascido no Palácio dos Dragões duas crianças.

O senhor rokko, lorde Vládímĕr Von Rimer — filho do mês das tempestades, filho do mês de *Aÿrs* do ano de mil cento e doze —, herdeiro da Família dos Dragões e último descendente da Família do Lince Branco de Duas Caudas, e a Irja-Arhã de Bashyrack, sua esposa, a senhora Helena Surann Al-Ashrivas ilsh Von Rimer — filha do mês das sombras e da queda das folhas, filha do mês de *Tubgrider* do ano

de mil cento e treze —, única herdeira do Ashal⁹ Theos Al-Ashrivas do Sul e da princesa Yarya Surann de Karkalis, haviam gerado duas vidas que eram a união das terras de Dovrökk e das terras de Bashyrack. Dois pequenos homens, dois herdeiros, que eram filhos do gelo, da rocha, das sombras e do aço.

Ao primeiro a nascer entregaram o nome de Maximiliano Vóneymärg Al-Ashrivas ür Von Rimer. Maximiliano por vontade da senhora Helena, que sempre fora fascinada pela cultura centrina e pela variante do Iahannack naquelas terras, e Vóneymärg por vontade de lorde Vládímīr, que acreditava piamente que esse fora o nome de um dos últimos grandes dragões: o nome do pai da sua bisavó Wilmarione. E ao segundo, e último a nascer, chamaram Yágoh Raejeddy Al-Ashrivas ür Von Rimer. Ambos os nomes por vontade da senhora Helena, que acreditava que aquele seu filho iria ser o herdeiro das terras do Sul, do grande Império de Bashyrack.

O nascimento de dois varões como filhos primeiros de um casal num dos Meses da Força¹⁰ era considerado uma bênção pelos povos daqueles dois continentes; *uma dádiva dos Deuses*. E os rokkos celebravam aquelas ocasiões maravilhosas tocando tambores e distribuindo cerveja e vinho quente pelas ruas, e pão acabado de cozer; e daquela vez não era exceção. No entanto, no interior do Palácio dos Dragões, onde se deveria de concentrar a maior animação, reinava o cruel e frio silêncio.

Falava-se desde os tempos de Wilmarione — a Von Rimer mais antiga cujo nome constava nos anais e putrefactos pergaminhos de Dovrökk, que tinham sobrevivido aos Grandes Incêndios de Walguïdrier¹¹ do ano de mil cento e treze, e, também, a rainha mais importante da História Rokka e a única que tinha conseguido libertar a sua forma titânica após os Feitiços de Enclausuramento — que no terceiro nascimento posterior a Dimitrian Vónurmärg Von Rimer, na

⁹ Os Ashais não perderam os seus títulos após a União Imperial graças à separação existente entre as civilizações terrestres e subterrâneas. Porém, juraram respeitar as leis do Soberano dos Cinco Impérios. O título de Ashal não possui uma tradução literal, apesar de os povos terrestres imperialistas o traduzirem como *Imperador*.

¹⁰ Hën, Aÿrs, Tudys, Lyrýdýs e Lrimplys são considerados, pelos imperialistas, os meses da força e de bom agouro. Acredita-se que todas as crianças nascidas nestes meses serão bons líderes, grandes pensadores ou fortes guerreiros.

¹¹ Walguïdrier — décimo primeiro mês do ano.

linha de sucessão directa da Família, nasceriam gémeos: um poderoso dragão e um temível, e igualmente poderoso, demónio¹².

Rezavam as lendas e contava-se numa profecia que o nascimento marcaria o início de tempos tenebrosos para aqueles dois continentes. Houve até quem previsse em visões e devaneios que o demónio iria tentar subjugar e domar o dragão, que iria voar sobre o dorso dele. Porém, eram poucos — *ou nenhuns* — os Von Rimer que acreditavam em tais disparates.

A própria rainha Wilmarione imortalizara a sua imagem na Batalha do Vale dos Ursos, na qual, com apenas catorze anos, enfrentara e aniquilara as tropas do rei Ezebëriu Domus do antigo Reino de Dörv, dizendo:

Muitos seres e muitas coisas podem fazer excepções, mas, garanto-vos!, os espinhos dos dragões não o fazem! E aqui e hoje, desafio todos os Homens, todos os Deuses e todos os Demónios a tentarem domar-me! Que os corajosos subam para o meu dorso! Mas que não profiram nem o mais ínfimo dos lamentos quando as suas carnes e os seus ossos forem transformados em finas redes...

Helena Surann Al-Ashrivas ilsh Von Rimer, a Irja-Arhã de Bashyrack e Senhora das Sombras, conhecia a dita profecia tão bem quanto a família do seu marido Vládímĭr. Conhecia o discurso da rainha Wilmarione e aquilo que o destino reservava aos seus filhos, pelo que nada no mundo conseguiria apaziguar a dor que sentia naquele momento.

Prostrada no leito, lado a lado com os seus amados bebés recém-nascidos, Helena de Bashyrack chorava por saber o fado que eles teriam de carregar ao longo da vida.



Espalhando um rasto de neve sobre o soalho de madeira de pinho envelhecido e desgastado pelos passos de milhares de gerações, Bóris

¹² **Demónios** — almas malévolas de indivíduos falecidos que, em vida, desfrutavam a fazer o mal. Seres com poderes superiores aos dos Titãs, que, certas vezes roubavam a identidade e o corpo a crianças quando estas ainda se encontravam no ventre das mães. Na maioria das vezes, vagueavam pelo mundo nas suas formas originais de nuvem de sombras. No seu formato original tinham a capacidade de adoptar a aparência de qualquer ser ou coisa.

Örimärg Fergaynys ür Von Rimer percorria com largas passadas os corredores frios e sombrios do palácio rokko.

Estava ansioso por conhecer os netos. Para ver aqueles que eram os primeiros descendentes do seu filho Vládimir.

Algumas das pessoas com as quais se ia cruzando saudavam-no com curtas e educadas vénias e amplos sorrisos, e outras acenavam-lhe ao longe ou gritavam-lhe felicitações. Era-lhe evidente que a criadagem e a guarda encaravam o nascimento dos gémeos como uma bênção, pois há muito que todos, fora da família, se tinham esquecido da profecia. Mas ele *não*. Ele continuava a recordá-la muito bem, embora achasse que ela não deveria de ser interpretada de uma forma *tão* literal.

Quando na madrugada daquele dia acordara e contemplara os céus, horas antes da tempestade de neve começar, vira a Lua Mãe abandonar o seu intenso tom laranja e empalidecer, acabando por ficar tão ou mais branca que a Lua Virgem, e testemunhara como a oeste começara a brilhar uma luz que variara entre o roxo e o violeta, a luz de uma enorme lua que parecia feita de cristal e que era conhecida como a Lua do Vazio. Naquele instante, ele soubera que a profecia se começara a cumprir.

Tinha nascido um poderoso dragão e um temível demónio na família Von Rimer.

Bóris escondia uma alegria sinistra, e um obscuro — e quase que doentio — desejo por detrás daquele seu claro olhar verde-jade. Há anos que *ansiava* encontrar todas as respostas sobre a morte da sua esposa, a senhora Ezärgmenrille Viölgnära Domus ür Von Rimer, e estava convicto de que o conseguiria apenas fazer quando aquela *maldita* profecia se cumprisse. No momento em que as trevas retornassem aos Gémeos Indomáveis e revelassem ao mundo os seus seguidores de alma impura.

Se a sua esposa estava realmente morta, assim permaneceria. Mas se aquilo não passasse, tal como ele sempre suspeitara, de uma farsa, um monstro como Ezärgmenrille não resistiria ao poder do mal. Se um demónio vagueasse livremente por aquelas terras, mais tarde ou mais cedo, eles iriam reencontrar-se e, se esse dia chegasse, ele certificar-se-ia de que, daquela vez, *Ezär* ficaria verdadeiramente morta.



Vládimir caminhava vagarosamente rumo aos aposentos nos quais Helena e as crianças descansavam.